



# ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO FALAR EM COLÍDER-MT

---

## SEMANTIC-LEXICAL STUDY OF SPEAKING IN COLÍDER-MT

Maria José Basso Marques  
Universidade do Estado de Mato Grosso (marialider@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar as dificuldades e abstenções das respostas dadas aos 14 campos semânticos do Questionário Semântico-Lexical, do Atlas Linguístico do Brasil. O estudo orientou-se pelos princípios da Dialetologia e da Sociolinguística. Utiliza como *corpus* os dados geolinguísticos documentados para o Atlas Semântico-Lexical de Colíder-MT. Os registros evidenciaram que as áreas semânticas com maior número de não-respostas foram àquelas relacionadas a área Terra como, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo e Atividades Agropastoris. Constatou-se, também, que os entrevistados mais velhos demonstraram maior conhecimento desse universo com um índice menor de abstenções quando comparados com a produtividade dos mais jovens.

**Palavras-chave:** Estudo Semântico-Lexical; Abstenções de respostas; Colíder-MT.

---

**Abstract:** This article aims to present the difficulties and abstentions of the given answers to the 14 semantic fields of the Semantic-Lexical Questionnaire, from the Brazilian Linguistic Atlas. The study was guided by Dialectology, Sociolinguistics principles. It uses as corpus the documented geolinguistic data to Colíder-MT Semantic-Lexical Atlas. The records showed that the semantic areas with the greatest number of non-responses were those related to the Earth area, such as Atmospheric Phenomena, Astros and Time and Farming and Agricultural Activities. It was also observed that the older interviewees demonstrated greater knowledge of this universe with a lower rate of abstentions when compared to the youngest one's productivity.

**Keywords:** Semantic-Lexical Study; Abstentions of answers; Colíder-MT.

## INTRODUÇÃO

Conforme Costa e Isquierdo (2003), a linguagem humana representa mais que o conjunto de signos utilizados para a comunicação. Expressa, também, aspectos do pensar do povo que a utiliza. Dessa maneira, a necessidade de o homem se comunicar, externar pensamentos e eternizar sua existência, por meio da transmissão de seus hábitos e tradições, motiva o uso da língua de formas distintas. Assim, de acordo com a realidade de seus usuários, a língua retrata aspectos da identidade de um grupo, alterações, influências e adequações que são percebidas, intensamente, no nível lexical, pois esse representa o repertório utilizado pela sociedade para nomear seu ambiente físico e social que são exibidos através da variação linguística.

Tomando o fenômeno da variação, este trabalho utiliza como *corpus* os dados geolinguísticos documentados para o Atlas Semântico-Lexical de Colíder-MT (ASeLCo)<sup>1</sup> e discute as abstenções das respostas dadas ao Questionário Semântico Lexical, versão 2001, do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Foram analisadas as respostas fornecidas pelos 48 informantes distribuídos por 6 pontos de inquérito, 5 pontos na zona urbana e 1 ponto na zona rural.

De acordo com Aguilera e Yida (2008), o problema da ausência de respostas ocorrido durante a recolha dos dados é uma questão crucial no momento da cartografia dos dados pelas lacunas que deixa nos espaços destinados ao preenchimento com as variantes buscadas, pois esse silêncio pode estar relacionado ao perfil do informante, ao instrumento de coleta, ou a habilidade e a preparação do entrevistador.

<sup>1</sup> *Atlas Semântico-Lexical de Colíder-Mato Grosso*, Dissertação de Mestrado, descreve e analisa os processos de variação linguística na constituição do léxico dos falantes no município de Colíder, traçando fotografias sociolinguísticas sob o aspecto semântico-lexical do (s) falar/falares dos migrantes e dos informantes nascidos nessa comunidade.

---

Visando entender essa ausência no ASeLCo, esse estudo buscou suporte teórico da Dialetologia e da Sociolinguística, que fornecem subsídios para a análise dos dados do português falado no Brasil. Assim, o texto apresenta, brevemente, sobre as ciências que o fundamenta, o histórico da localidade, e, por fim, o percentual das não-respostas dadas para as questões do QSL acompanhado de uma reflexão.

## 1 PANORAMA GEOSOCIOLINGUÍSTICO

Para entender a variação de que se reveste a língua de uma dada comunidade, ou de um grupo de falantes, é necessário identificar os fenômenos linguísticos e reconhecer as diferenças e igualdades que compõem o falar neste espaço. Segundo Cardoso (2016), não existe uma língua unificada, uma vez que ela apresenta, nos atos de fala, usos diferenciados conforme o momento, as circunstâncias da elocução e as características sociais do falante, os quais configuram os múltiplos dialetos que se distribuem geograficamente. Assim, temos, por exemplo, o dialeto gaúcho e o amazonense marcando o uso da língua em determinadas áreas.

Para Fiorin (2015, p. 122), tal maneira de falar em diversas localidades pode gerar problemas quanto ao reconhecimento de alguns referentes quando, por exemplo, conversamos com pessoas de regiões de culturas diferentes da nossa, principalmente no que diz respeito ao léxico, ou ao vocabulário usado por pessoas de região distinta, como ocorre com o termo “jerimum”, forma comum na Bahia para designar “abóbora”, que é a forma falada nos estados do Sul e Sudeste do Brasil.

Essas formas variadas de designar um mesmo referente comprovam que a língua é dinâmica, pois é resultado da interação humana, formando um léxico que se renova de tempos em tempos. E nesse inovar/renovar mostra que a língua varia, não só de região para região (variação diatópica), mas também através de outros fatores que são inerentes ao falante, como a idade o gênero ou quanto ao grau de escolaridade, entre outros fatores que são condicionantes da diversidade linguística.

Essa diversidade, segundo Fiorin (2015), é o objeto de estudo da Sociolinguística e da Dialetologia, ciências da linguagem que investigam a variação linguística. Assim, é de interesse da Sociolinguística verificar de que modo fatores da natureza linguística e extralinguística estão relacionados aos

---

usos dessas variantes nos diferentes níveis, lexical, fonológico, morfossintático e de que modo essa variação é regulada.

A Dialectologia localiza e detalha, regional ou socialmente, os dialetos de uma língua visando “(i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e, (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas”. (CARDOSO, 2016, p.13).

## 2 O LÉXICO E AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos, sendo, também, a somatória de toda a experiência e do acervo cultural de uma sociedade, que, ao entrelaçar seus conhecimentos, “se expande, se altera, e as vezes se contrai” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Além disso, conforme a autora, as mudanças sociais acarretam alterações nos usos vocabulares podendo resultar em casos de marginalização, ou entrar em desuso e vir a desaparecer, ou pode acontecer o inverso, ressuscitar termos com novas conotações que surgem para enriquecê-lo, que, na prática, são os falantes que criam e conservam o vocabulário dessa língua. E, ao atribuir conotações particulares aos lexemas, os indivíduos geram a semântica e, conseqüentemente, a variabilidade, quer dizer, por ser a parte menos conservadora do vernáculo é a primeira que apresenta variação, revelando as mudanças sociais e sua carga de influência na fala da comunidade.

Pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas, a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “osga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e lagartixa no Centro-Sul. (CAVET, 2002, p. 79).

Para Mollica (2004, p. 10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas denominadas variantes”, sendo as variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável. Ainda conforme a autora, há variáveis internas, de natureza fono-morfo-sintática, semântica, discursiva e lexicais, que dizem respeito às características da língua em várias dimensões, levando em conta o nível do significante e do significado. E, quanto ao conjunto de variáveis externas

---

à língua, estão relacionados os fatores inerentes ao indivíduo, como idade, sexo, escolarização, nível de renda etnia, entre outros.

Cardoso (2010) informa que os fatores sociais idade, gênero, escolaridade e profissão são uma preocupação nos estudos dialetais, principalmente naqueles que se desenvolvem com a metodologia geolinguística, tornando assim o estudo não só espacial mas também social e, dessa forma, tem-se a variação diagenérica, que refere-se à idade dos informantes, às divergências entre o falar dos jovens e idosos. A variação diagenérica, que trata da comparação entre a pronúncia dos homens e a das mulheres, leva em consideração que, sendo a mulher a que tem maior contato com as crianças, por passar mais tempo em casa com os filhos e que falam mais que os homens, tendem a passar a linguagem para a juventude.

Ainda há a variação diastrática, que faz referência a diferenciados focos de estudos podendo ser ao grau de instrução, renda familiar, trabalho e habitação. E, por fim, a diafásica, que contempla atos de fala vinculados ao momento de realização, à situação onde são produzidos, à postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso da língua.

Diante do que foi exposto, verifica-se que as variações linguísticas estão atreladas às variações sociais, ou seja, o modo de vida das pessoas tem consequências linguísticas que podem estar condicionadas ao modo de colonização dessas comunidades, ao tipo de migração, interna ou externa, ao entrelaçamento cultural, às gerações existentes, entre outros fatores, os quais levam à formação de uma localidade e conseqüentemente a sua urbanização.

Assim, à medida que uma sociedade se transforma, há uma amplitude de variação no repertório de seus falantes, e a formação do léxico dessas comunidades sofre alterações como variantes em desuso pelos mais jovens, mas mantidas pelos mais velhos. Algumas são adicionadas, trazidas por migrantes, e outras sofrem alterações provocando a mudança linguística. Por tudo isso, é imprescindível admitir a heterogeneidade da língua e fazer o registro nas comunidades de fala a fim de acompanhar o percurso linguístico e compreender a formação da língua portuguesa local.

### 3 COLÍDER: UM POUCO DA HISTÓRIA

Figura 1 – Localização de Colíder-MT



Fonte: IBGE- SIRGAS 2000- organização: Marcelo Leandro Holzschuh

O estado de Mato Grosso era pouco conhecido para o Brasil, até o final do século XIX, devido à limitação de acesso por causa da floresta fechada, bem como a baixa densidade populacional. Esse desconhecimento foi alterado com o novo panorama demográfico provocado pelo surgimento dos diversos ciclos econômicos, como o do ouro, o da mineração e o do gado.

No ciclo do ouro e da mineração, a figura dos bandeirantes paulistas nas regiões de Minas Gerais, de Goiás e de Mato Grosso, surgiu no final do século XVII e durante o século XVIII, em busca de índios para aprisionar, jazidas de ouro e de diamantes. Essa descoberta motivou “o deslocamento de grandes contingentes de brasileiros para essas regiões, sobretudo de desempregados, que se aventuravam pelo sertão em busca da propagada riqueza fácil”. (ISQUERDO e TELES, 2014, p. 62).

Além disso, o ciclo do gado, trazido pelos europeus, também foi responsável por essa mobilidade espacial interna, em que, além de instaurar um novo hábito alimentar e o consumo de carne bovina, inaugurou um novo tipo de transporte no Brasil, o da atividade dos tropeiros, os quais foram

abrindo trilhas e semeando currais, pousadas feiras e povoados por todo o país, contribuindo assim, para o surgimento de inúmeros núcleos populacionais que se desenvolveram e se tornaram cidades de grande projeção no Brasil. As chamadas Rota dos Tropeiros, os caminhos [...] que integravam o Sul ao Sudeste e ao Centro-Oeste. (ISQUERDO e TELES, 2014, p. 63).

---

Com a abertura das estradas, no início do século XVIII, o tropeirismo chegou ao fim, a pecuária se espalhou e no século XX alcançou o Centro-Oeste e o Norte do Brasil. Na década de 50 do século XX, as terras férteis do Sul, do então Mato Grosso, também atraíram paulistas e paranaenses para o cultivo do café. Ainda nesse contexto de povoamento, destaca-se, conforme as autoras, a denominada Marcha para o Oeste, projeto de Getúlio Vargas, em 1937, cujo objetivos eram a ocupação e o desenvolvimento do interior do Brasil que ainda permanecia pouco povoado, especialmente o Norte e o Centro-Oeste.

No percurso dessa marcha, muitos povoados surgiram e entre esses a Gleba Cafezal, hoje município de Colíder, que está localizada a 700 quilômetros da capital, Cuiabá, e muitas famílias, oriundas do Sul e Sudeste, se mudaram para esta localidade em busca de crescimento econômico, conforme prometiam as propagandas das colonizadoras particulares. Assim, “famílias foram chegando e se instalando ao redor da sede, abrindo o sertão bruto, gente de todas as categorias, principalmente, ex-posseiros, volantes, pequenos agricultores”. (SCHAEFER, 1986, p. 68).

De acordo com Marques (2018), atualmente, o município é considerado um polo em desenvolvimento; possui a agropecuária em destaque com agroindústrias de cadeia pecuária, dois laticínios, curtume, um frigorífico, indústria de biocombustível, abatedouro e fábrica de ração e fertilizantes. Esse rápido progresso em Colíder, sem dúvida, acarretou mudanças não somente de ordem política e econômica, mas sobretudo, socioculturais e linguísticas.

Nesse contexto, culturas se entrelaçaram atuando com a língua; a realidade se tornou heterogênea e cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais de grupos advindos dessas regiões, as quais modificaram o contexto cultural e linguístico que são percebidos através da linguagem que desempenha um papel importante no desenvolvimento e progresso.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O gráfico a seguir apresenta o montante das questões do QSL que obtiveram não-respostas de acordo com cada área semântica.

Figura. 2 Distribuição das não-respostas relacionadas às 14 áreas semânticas do QSL



Fonte: autoria própria

O *corpus* constitui-se das abstenções extraídas das respostas dadas ao QSL para o Atlas Semântico-Lexical de Colíder, junto a 48 informantes em 6 pontos de inquérito, 5 pontos na zona urbana e 1 ponto na rural. Foram considerados 03 parâmetros: diageracional – duas faixas etárias – Faixa Etária 1 (FE1), de 18 a 40 anos, informantes nascidos no local. Se não nascidos, que tenham permanecido, no mínimo, 30 anos; a segunda faixa etária (FE2), acima de 50 anos, com tempo de vivência de pelo menos 30 anos. Quanto ao parâmetro diagenérico, distribuem-se igualmente pelo mesmo sexo, 24 homens e 24 mulheres. Para a variável escolaridade, definiu-se duas, a primeira, analfabetos ou ter completado ou não o Ensino Fundamental, e, a segunda, ter nível Médio até Superior.

O instrumento de coleta, o QSL, contém 202 questões, distribuídas por 14 áreas semânticas, com denominações de emprego mais geral para as duas grandes áreas, Terra e Homem, sendo subdivididas da seguinte forma: I- Acidentes Geográficos (6 questões), II- Fenômenos Atmosféricos (15 questões), III- Astros e Tempo (17 questões), IV- Atividades Agropastoris (25 questões), V- Fauna (25 questões), VI- Corpo Humano (32 questões), VII- Ciclos da Vida (15 questões), VIII- Convívio e Comportamento Social (11 questões), IX- Religião e Crenças (8), X- Jogos e Diversões Infantis (13 questões), XI- Habitação (8 questões), XII- Alimentação e Cozinha (12 questões), XIII- Vestuários e Acessórios (6 questões) e XIV- Vida Urbana (9 questões), as quais “documentam a variação diatópica sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos. (MOTA, 2014, p. 85).

Para esta análise foram destacadas as questões que ofereceram maior número de não-respostas, das 14 subáreas, apresentadas por ordem decrescente,



---

e, para uma compreensão dessas, buscou-se alguns elementos da formação histórico-cultural, como a migração, a localização geográfica, a história, a cultura, os aspectos diagenéticos e diasssexuais. Esses fatores contribuem para particularizar o repertório lexical em uso por esta comunidade, uma vez que

o estudo da língua não pode estar desvinculado da dimensão histórico-social da linguagem, considerando-se que é no âmbito de um grupo social que a norma se instaura, é disseminada ou fica confinada a determinados espaços geográficos, dependendo das características socioculturais desse grupo. (ISQUERDO, 2006, p. 22).

A fala abriga o resultado das transformações sociais, a qual deve ser descrita, pois constitui verdadeiro documento do registro da história de uma comunidade. Assim, para este artigo, como já se expôs, serão descritas as não-respostas distribuídas pelos 5 pontos e pelas variáveis extralinguísticas, idade, sexo e escolaridade.

Para tanto, iniciaremos com o campo Acidentes Geográficos, primeira área do QSL. De acordo com os dados, a abstenção refere-se à questão 6 (o movimento da água do rio), a qual apresenta 22% de não-respostas. Segundo Marques (2018), essa questão, confundiu o informante porque ela vem na sequência da pergunta 5, referente ao movimento da água do mar. Para o inquirido, o referente não deveria ter a mesma resposta que a anterior, no caso onda; dessa forma, preferiu afirmar não saber um nome para tal referente. Nesse caso, não podemos dizer que é desconhecimento do referente, a resposta não foi dada por falta, talvez, de informação por parte do entrevistador.

Para o campo Fenômenos Atmosféricos, foi documentado um total de 50% de abstenção, para a questão 12 (denominações de nomes específicos para temporal), para a qual se buscam as variantes vendaval, chuva de vento, chuva forte, tromba d'água, tempestade, chuva feia, entre outras, tanto pelo mais velhos quanto pelos mais novos.

Ainda para essa área, a questão 14 (uma chuva forte e contínua), há 35% de não-respostas, sendo a maioria fornecida por jovens. Por fim, a questão 16 (estiar/compor o tempo), registrou-se 31%.

Os campos Astros e Tempo e Atividades Agropastoris foram os que mais dificuldades ofereceram nas respostas. Para a primeira, Astros e Tempo, documenta-se 54% de não-respostas para a questão 30 (de tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?). Verifica-se que respostas como Estrela D'Alva, estrela guia, marte,

---

estrela do oriente, estão perdendo seu uso até na fala dos informantes mais velhos, pois dos 48 entrevistados, 26 disseram não saber um referente, sendo 16 da primeira faixa etária e 10 da segunda.

O mesmo foi constatado quanto às outras quatro questões dessa área, que obtiveram mais de 15% de abstenções registradas junto a esses informantes: denominações referentes à questão 33 (via láctea/caminho de Santiago), que obteve 35%; 29 (estrela matutina), 33%, 24 (alvorada), 27% e 26 (crepúsculo), 18%.

Nota-se, pelos dados expostos, que as denominações aos astros, quando se observava o céu, estão em desuso nessa comunidade. Talvez essa contemplação, que era transmitida pelos pais quando predominava o ambiente rural, foi substituída pelo uso da tecnologia, ou pela própria clareza proporcionada pelas luzes da urbanização, as quais impedem as observações desses astros e conseqüentemente ao desconhecimento de tais designações. No Atlas Linguístico do Brasil, volume 2, apresenta-se que,

O campo Astros e Tempo foi o que mais dificuldades ofereceu na eliciação de respostas. Nomes sonoros e poéticos para a “clareza avermelhada do céu antes do sol nascer” (24) [...] não sobrevivem nem mesmo na fala dos informantes da faixa etária II. O mesmo se pode dizer da Estrela matutina (29), da Estrela vespertina (30) e da Via Láctea (33) para os quais não mais será obtida uma lista interminável de designações populares, transmitidas secularmente de geração para geração e criadas a partir da contemplação sistemática do céu em noites estreladas e de lua cheia, que tão bem foram documentadas pelos atlas rurais brasileiros [...]. (AGUILERA, 2014, p. 100).

Quanto ao campo das Atividades Agropastoris, o estudo aponta abstenções significativas para as questões 58 (bolsa/broaca), 46%; 55 (cangalha), 44%, e com menor índice para as questões 54 (cangalha/forquilha), 21%; 51 (mandioca que não serve para comer), 19%; 44 (inflorescência da banana), 16 %, 47 (soca/touceira), 14%. Esse alto número de abstenções já era esperado por essas questões referirem-se ao universo rural e as denominações para as questões 58 e 59 serem mais utilizadas no nordeste do Brasil.

Para o campo Fauna, apenas 1 pergunta ofereceu obstáculo de eliciação: questão 84 (um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num banhado ou córrego, cf. item 1), com 17%. Vale destacar que esse verme, que tem como sugestão a denominação sanguessuga, é incomum na região investigada.

---

No que concerne à área Corpo Humano, as informações mostram que 36% dos informantes, com predomínio entre as mulheres, se isentaram de responder à questão 99 (esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_ ) (cf. item 98). Segundo Marques (2018), autora do ASeLCo, isso se deve ao fato de os entrevistados desconhecerem a forma mais culta e, por isso, preferiram alegar desconhecimento.

Ressalta-se que, para essa questão, consta como resposta o colorido das variantes regionais, trazidas pelos colonos na década de 1970, como: molar, chato, dentes detrás, dentes grandes detrás, siso, dente penúltimo, queixal, dente quadrado, panela, dente de leite, pilar, dente inferior, carnívoro, canino.

Quanto ao campo semântico Ciclos da Vida, a questão 129 (O próprio filho da \_\_\_\_ ) (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?, aparece com 15% de não-respostas e 25% de respostas não é nada, quer dizer, não se tem um termo para a variante irmão-de-leite, como sugerido pelo QSL.

Na área Religião e Crenças, a abstenção está para a questão 150 (objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males), obteve 17%, e 13% disseram não lembrar das respostas. Constatou-se ainda, principalmente na fala dos mais novos, o uso do próprio objeto para nomear como, patuá, sal grosso, olho grego, escapulário, fita, ferradura, vela, figa, olho de lobo, olho de tigre, pé de coelho, trevo e semente de romã.

Sobre Jogos e Diversões Infantis, das treze questões propostas, há 27% de não-respostas para a questão 164 (uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo). E, com a mesma quantidade, 27%, os informantes disseram não lembrar da resposta.

Para essa questão, a dimensão diageracional foi o condicionante para o desaparecimento e/ou diminuição das formas esperadas como resposta para a questão 164 (chicote queimado/lenço atrás, lenço que corra), pois estão se perdendo principalmente no falar masculino.

Vale ressaltar que essa brincadeira foi pouco lembrada pelos informantes masculinos, por isso registramos 13 ocorrências para não lembro, em todos os pontos de inquérito, proferidas por 10 homens e 3 mulheres, sendo 7 da segunda faixa etária e 6 da primeira. Também registramos, a mesma quantidade, 13, para não sabe, distribuída em todos os pontos pesquisados, respondida por 8 mulheres e 5 homens, dentre as quais, 8 menções são de informantes da primeira faixa etária e 5 de informantes da segunda. (MARQUES, 2018, p. 296).

---

Ainda para esse campo, a questão 159 – E um brinquedo parecido com o \_\_\_\_ (cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha? – obteve 13% de não-respostas, com predominância entre os informantes mais velhos.

Sobre Alimentação e Cozinha, não houve índice de abstenções; a dificuldade está em relação às questões 179 (uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhado com canela) e a questão 180 (a mesma papa, com milho verde ralado, sem coco). Em Colíder, para a primeira, 95% dos entrevistados responderam curau, já para a segunda, 52% também utilizaram o termo curau como resposta, ou seja, não há diferença porque uma receita tem o acréscimo do coco.

Por fim, os campos semânticos que não apresentaram abstenções e tampouco dificuldades de elicitções foram 4, Convívio e Comportamento Social, Habitação, Vestuário e Acessórios e Vida Urbana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentaram-se aqui as abstenções registradas para as questões do Questionário Semântico Lexical do ALiB, coletadas para o Atlas Semântico-Lexical do município de Colíder. Vale destacar a importância dessa ferramenta para o registro de um léxico, pois este instrumento possibilitou comprovar que as áreas, as quais apresentaram maior número de abstenções estão relacionadas ao universo Terra, como Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo e Atividades Agropastoris.

Além disso, as não-repostas propiciaram significativas reflexões quanto à comunidade investigada. Uma delas diz respeito à influência da modernização, em que a claridade das lâmpadas impede a visualização e contemplação dos astros, ou programas de televisão, games, que atraem as pessoas, até mesmo àquela população da zona rural onde a tecnologia já ocupou seu espaço, expondo-os à mídia. Segundo Aguilera (2014), o ajustamento urbano, pode ser um condicionante que provoca o afastamento desses sujeitos da contemplação dos astros, das mudanças de tempo, do contato com a natureza e convívio com animais domésticos ou mais próximos do homem.

Outra hipótese pode estar relacionada ao perfil do informante, devido a diversos fatores, dentre os quais, a baixa escolaridade, o conhecimento restrito de mundo, ou talvez pelo cansaço em responder as 202 questões e não buscar no vocabulário ativo a variante desejada pelo inquiridor.

---

Estendendo o olhar por outros parâmetros, com base nos dados descritos, os entrevistados da segunda faixa etária demonstraram maior conhecimento do universo rural, com um índice menor de não-respostas quando comparados com a produtividade dos mais jovens, principalmente para as perguntas da área Astros e Tempo, o que revela uma variação diageracional. Por fim, algumas expressões não fazem parte do universo do informante configurando-se como variante de maior uso no Nordeste do país, como as questões 58 (bolsa/broaca) e a 55 (cangalha).

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. et al. *Atlas linguístico do Brasil: volume 1*: Londrina. Eduel, 2014. p. 95-111.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; YIDA, Vanessa. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. In: *SIGNUM: Estudos de Linguagem*. Londrina n.11/2, p.15-31. 2008. Disponível em: [<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/issue/view/328/showToc>] Acesso em: 02 jan. 2019.
- BIDERMAN, Maria Tereza. C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.179-202.
- CALVET. Louis Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo. Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo. Parábola Editorial. 2010.
- \_\_\_\_\_. Dialetoлогия. In: MOLLICA; FERRAREZI JUNIOR (Org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo. Contexto. 2016.
- COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. Espanholismo no léxico do Brasil Central: contribuições do projeto ALiB. *ALFA Revista de Linguística*. Florianópolis, v.50, n.2, 2013. p. 133-145. Disponível em: [<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109>] Acesso em: 20 dez. 2018.
- COMITÊ CIENTÍFICO DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: Questionário*. 2001. Londrina: Ed. UEL.
- FIORIN. José Luiz. (org.). *Introdução à linguística: I. objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo. Contexto, 2015.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Acheça para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. In: *Alfa: Revista e Linguística UNESP*. v. 50, nº2. São Paulo: UNESP, 2006, p. 9-24. Disponível em: [<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408>] Acesso em 02 jan. 2019.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. et al. *Atlas linguístico do Brasil: v. 1*: Londrina. Eduel. 2014. p. 37-77.

---

MARQUES, Maria José Basso. *Atlas semântico-lexical de Colíder- Mato Grosso*. Sinop 2018. 396 f. Dissertação. (Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso, Sinop). Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=ppgletras-sinop&m=dissertacoes&c=turma-1> Acesso em: 01 de nov. de 2018.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2004.

MOTA, Jacyra Andrade. Percurso metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. et al. *Atlas linguístico do Brasil: volume 1*: Londrina. Eduel, 2014. p. 79-93.

SCHAEFER, José Renato. *As migrações rurais e implicações pastorais: Um estudo das migrações campo-campo do sul do país em direção ao norte de Mato Grosso*. São Paulo. Loyola. 1986. p. 67-74.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.